

DIÁRIO

SINDICAL



Arquivo/Diário SP

Transportes. Categoria para hoje após novas demissões

Quase quatro meses após a Câmara aprovar um projeto de lei do prefeito Fernando Haddad (PT) que permite às empresas de transporte coletivo da capital acabar com o cargo de cobrador nos ônibus, o Sindicato dos Condutores de São Paulo promete realizar um grande ato em frente à Câmara Municipal. Batizada de "Em defesa do emprego - Por um transporte mais humano", a manifestação começará na sede do sindicato, na Rua Pira-pitingui, 75, Liberdade, a partir das 14h. Em seguida está prevista uma passeata até a sede do Poder Legislativo municipal, no Viaduto Jacareí, no Centro. O sindicato garante que nenhum serviço será interrompido hoje mesmo com o protesto e todos os coletivos vão funcionar normalmente. Na Câmara, a categoria vai cobrar dos vereadores o compromisso de que não haveria demissões. À época da aprovação do projeto, os parlamentares justificaram que os trabalhadores que hoje exercem a função de receber a tarifa dos usuários que não usam Bilhete Único seriam realocados para outras funções.

No dia 12 de março o DIÁRIO mostrou que todos os cobradores da empresa Imperial Transporte, que atua na Zona Leste da capital, foram demitidos e o motorista passou a fazer a tripla função de dirigir o coletivo, receber o dinheiro e dar o troco aos passageiros - muitas vezes isso é feito com o ônibus em movimento.

No dia 31 de março, após uma reclamação do Sindicato dos Condutores na Justiça, o Tribunal de Justiça paulista determinou a suspensão do artigo da lei e, consequentemente, as demissões.

O presidente da entidade, Valdevan Noventa, ressaltou que em nenhum momento o poder público e os empresários consideraram os reflexos negativos desta lei que penaliza trabalhadores e usuários do transporte público. "Hoje o cobrador desempenha, dentro do ônibus, outras atribuições, além da cobrança de tarifa. Ele é um agente social, que inibe os puladores de catraca, faz respeitar regras como a dos bancos preferenciais, ajuda portadores de deficiência física a entrar no veículo e, além disso, é um parceiro do motorista quando o carro quebra ou em casos de assaltos e depredações, quando o cobrador é testemunha no boletim de ocorrência. Este profissional é indispensável para o sistema", afirmou Noventa.



Fotos de Carla Burnato/Diário SP

Empresários e trabalhadores se unem pela recuperação da indústria de transformação e pedem restauro na competitividade

Todos de um único lado para salvar o emprego

Patrões, empregados e sindicalistas se unem a favor da competitividade da indústria nacional

Fernanda Uehara

fernandaua@diariosp.com.br

Na tentativa de chamar a atenção do governo para a difícil situação da indústria de transformação, sindicalistas, trabalhadores e empresários lançaram ontem a chamada Coalizão Indústria/Trabalho. A crítica principal recaiu sobre a política econômica da presidente Dilma Rousseff, em especial a taxa básica de juros. "Se o juros não baixar, o Brasil vai parar", gritaram os presentes no Palácio de Convenções do Anhembi, ontem à tarde, em São Paulo.

Segundo o presidente da Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos), Carlos Pastoriza, a competitividade da indústria de transformação nacional está se desfazendo. Na década de 1980, o setor era responsável por 35% do PIB. Atualmente, somente 12% de tudo o que é produzido no país vem das fábricas.

"Sou um dos que acha um crime o que estão fazendo com a indústria nacional. Temos de apostar nas nossas empresas, nos nossos trabalhadores", atacou o deputado federal Paulo Pereira da Silva, o Paulinho da Força, presidente do Solidariedade.

Presidente licenciado da Força Sindical, Paulinho ressaltou que o Brasil convive com uma das maiores taxas de juros do mundo e não há como manter competitividade com a indústria do exterior.

Outra reclamação constante dos empresários, novamente em concordância com as centrais sindicais, é a elevada e "injusta" carga tributária, que acaba penalizando o investi-

mento produtivo.

"Esse tipo de política está matando a indústria. Matando a indústria se mata o emprego e matando o emprego a família é prejudicada. Não podemos permitir que isso aconteça. Nosso país é rico, nosso país é maravilhoso, tem empresários competentes e trabalhadores competentes", enfatizou Ubiraci Dantas de Oliveira, presidente da CGTB (Central Geral dos Trabalhadores do Brasil).

Miguel Torres, presidente da Força Sindical, enfatizou que o movimento "não nasceu para ser contra o governo, mas sim para ser a favor do Brasil, a favor da produção, do emprego, a favor do trabalhador".

ESTRATÉGIAS/ Sindicatos e empresas não só apontaram os problemas. Houve também sugestões de soluções para a grave crise econômica enfrentada por praticamente todos os setores que movimentam a economia. Um manifesto foi lançado ao fim do encontro. "Precisamos equilibrar as contas públicas pela racionalização e transparência das despesas preservando os direitos sociais e trabalhistas. Precisamos que a taxa de juros acompanhe padrões internacionais, aumentar os investimentos produtivos e em infraestrutura. É preciso que o Congresso e os governadores façam sua parte para restaurar a competitividade da indústria", diz o texto.



Representantes pedem que o governo aposte mais nas indústrias nacionais